

Notícias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração

RUA INFANTE D. HENRIQUE

BARCELOS

Chefe da Redacção e Editor — João Pereira da Silva Correia

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

Composição e Impressão

TIPOGRAFIA MARINHO

Telefone 123 — BARCELOS

AUGUSTO SOUCASAUX

No interessante *Meio a sério*, que Soucasaux está publicando neste semanário, sou chamado ao terreiro com referência de agradecer. Agrada a maneira como êle escreve e assim, sim! Somos já ambos *velhos*, sem pretensões, não nos cabendo outra intenção que não seja deixar por cá algo de aproveitável proveniente do que fomos. Não se consegue (sempre assim foi e é) a tentativa, de converter em *útil* o que se aprendeu, sem as contingencias do atrevimento! «Este *modus in rebus*», porém, e quando as apreciações tomam feição do exagero desmarcado, com vincada e intencional malevolência, é-se levado ao afastamento por impropria outra atitude e impossíveis misturas. Assim fiz há oito anos com o *caso* tremendo do «Museu Arqueológico», agora em segunda edição correcta e aumentada, e que é típico! Apenas se teve o atrevimento de dar aquilo por visitável, com aceitação muito lisongeira por quem de direito, o agradecimento foi estrondoso! Por isso não ajudei a projectada inauguração, retive a Memória descritiva em preparação, abandonei uma Planta indicadora, não consenti a publicação, insistentemente solicitada pelo «Turismo», do Inventário provisório e guardei as correções feitas a pedido meu por técnicos categorizados que foram gentilíssimos comigo e com Barcelos. Ficou portanto a menos de meio o muito que pensava fazer sem mesmo de tudo dar conhecimento a Soucasaux. Anos se passaram, a indiferença e disinteresse pelo «Museu» acentuaram-se até ao máximo de o considerarem recentemente regressado a simples ruínas! Sem motivo compreensível, mais de oito anos passados sobre a paragem de todo o trabalho, ressurge o *estrondo* como sempre á moda do ataque pessoal intencionado, que ilude o respeitável publico desconhecedor de quase tudo que se passou e se tentou fazer. E ainda mais com *erro de pontaria* porque a maioria dos elementos essenciais para a confecção dos leitros, necessariamente resumidíssimos, não foi de investigação minha!

Quem perdeu? Barcelos, que poderia ter hoje um «Museu Arqueológico» razoável, que mesmo como está é classificado, por quem o pode fazer, de interessantíssimo.

Soucasaux sentiu-se e muito bem. A ingratidão molesta sempre! E porque o manifesta com elegante dizer, em pensamento e forma, tonalizado até por agradável e bem educado *humour*, aqui me tem; agradecido pela justiça que me faz e voltando com a palavra atrás! Se na verdade presiste em salvar, o que tanto trabalho deu a conseguir e lhe posso ser *útil*, pode contar comigo. Já se vê contando também com os ligeiros percalços da *bálha* que lhe peço consenta consideremos mutua.

E quanto ao resto que importancia tem que, em setenta peças arqueológicas expostas, haja—o que há muito se sabe—algumas de classificação duvidosa? E o que se diz, por aí, está certo?

Barcelos 23-VIII-940

José de Mancelos Sampaio

Mj. ref.

Coisas novas...

A-pesar-de ainda haver quem feche os olhos á obra do Estado Novo e por vezes tente vêr tudo o que está feito, no dizer do grande Vieira, «com os olhos de ódio», a pesar-de muitos que se dizem estar no nosso lado ainda não terem compreendido a *mentalidade nova* necessária para a salvação do país—como disse Salazar, *estão-se vendo coisas novas em Portugal*.

E' um novo contracto colectivo de trabalho que se firma, um novo bairro operário que se abre ou uma nova escola que se inaugura; é o horário do trabalho que se cumpre, e direito a férias a abranger todos os operários. o salário mínimo que se estabelece, mais uma Caixa Sindical que se institui ou uma nova colónia de férias para operários que funciona; é mais uma estrada que se constroi ou conserta, igrejas e monumentos históricos que se restauram, tóda a *terra portuguesa*—aldeias, vilas e cidades, que se alinda; enfim, é um novo Portugal que surge, com homens dotados duma mentalidade nova e guiados pelo génio de SALAZAR, que dia a dia mais se remoça e cresce aos olhos de nacionais e estrangeiros.

Mercê das excepcionais circunstâncias do momento que passa a obra do Estado Novo ganha relêvo, aumenta o número dos maldizentes que se calam porque reconhecem os benefícios da actual situação política portuguesa mas que não voltam a falar, para dizer bem é evidente, por covardia, por estarem agarrados a certos preconceitos, por não terem a *liberdade* (que tanto aprêgoavam...) de proclamarem o que sentem sem se condicionarem ao modo de vêr do sr. A ou do sr. B.

Há na verdade coisas novas em Portugal...

A festa de domingo de confraternização dos caixeiros da nossa terra realizou-se neste novo âmbito da vida portuguesa. Pela primeira vez, os patrões sentaram-se á mesa com os caixeiros. Ainda não fôram todos mas já fôram muitos. Para que isto fôsse um facto lutaram, lutaram bem, mas venceram.

Nem tóda a gente compreendeu ainda que no Estado Novo as coisas não surgem apenas por milagre. E dizemos apenas porque há realizações, há regalias conquistadas que os beneficiados podem na verdade supôr *milagres* por não terem dado o mínimo passo para que tal pudesse ser um facto.

Na altura em que vamos é lamentável que ainda haja quem não compreenda que no Estado Novo as vitórias são conquistadas á custa de muita dedicação, trabalho e sacrificio.

Pensar numa regalia, é a mesma coisa que mostrar disposição para trabalhar, mas trabalhar muito e, sobretudo, sem desfalecimentos; não pensar assim, é ainda o mal de muitos.

Felizmente porém, êste mal não é geral e por isso mesmo... *estão-se vendo coisas novas em Portugal*.

Da S. C.

A DONA DO CAVADO

Dom, e o seu feminino *Dona* sempre com D grande, é titulo e tratamento honorífico que competia á Grandeza do Reino. As «Ordenações», Livro V, Titulo 92, § 7, fizeram esse titulo transmissível por successão e a Lei de 3 de Janeiro de 1611 reconheceu esse estilo antigo, concedendo-o inerente a partir do primeiro grau da Grandeza (Bispos e Condes), necessitando encarte régio, em mercê individual, para os graus inferiores á Grandeza. Os abusos, que depois se cometeram, não interessam para aqui.

Dona era antigamente honra do maior aprêço e já no Império dos Cesares só se tratavam por *Domina* as romanas de elevada condição social. *Dona do Cavado* significa, portanto, Senhora de alta estirpe, Dama da mais elevada nobreza da região desse rio e muito bem se compreende e adequa a Barcelos figuradamente.

Rainha, que importa haver ou ter

havido *Rei do Cavado*, traduz soberania. É pois um desacerto valendo tanto como entender por ignorância que é *dona*, d pequeno, proprietária, do Rio Cavado, significado que evidentemente nada tem com o caso.

E da *montanha*, urdida incomodando varias pessoas que iludiram, nasce como se vê um insignificante *ratinho!*

M. S.

Universidade do Porto

EXAME DE ADMISSÃO

Ficou aprovada no exame de admissão á Faculdade de Medicina a distinta estudante sr.^a D. Maria Emília dos Santos Silva, filha do nosso amigo sr. José Luiz da Silva.

—Os nossos parabens á inteligente académica e a seu pai.

Notas de Lisboa

19 DE AGOSTO

Não se desvanecerá tão cedo da nossa memória a comovente despedida da Embaixada Especial do Brasil, ali na magestosa Praça do Império, donde outrora partiram os nossos descobridores, em demanda de novos mundos.

Entre lágrimas dos que tornavam á sua Pátria, e também dos que ficavam em sua Terra; entre abraços, e ovações de entusiasmo, que também eram ternura e saúde, foi aquela despedida o que podemos chamar um acontecimento histórico, dos nossos dias, porque nos patenteou, sem reboços, francamente, como o nosso povo, sobretudo o nosso povo, sabe compreender e sentir os desejos de Salazar. E eram êles, que se testemunhasse aos membros daquela Embaixada o sentimento de fraternidade, como era de justiça, pelo sangue e língua, e civilização comum, e como era do pensamento de Salazar, quando convidou o Brasil ás nossas festas, como de família.

Merecia a Embaixada a despedida que lhe fizemos, que nos honrou nobremente as nossas festas, com a sua presença, sempre em tóda a parte onde tínhamos de comemorar factos da nossa História de séculos. Todavia, mais do que o lado oficial da despedida, era o povo que porfiava em lhe dar a vibração da sua alma; e tal o sentiu o general Francisco José Pinto, que nos chamou comovidamente irmãos, ao dizer nos o seu derradeiro adeus.

Espectáculos desta natureza tão raros foram, que os temos de considerar fruto das vigílias do nosso Chefe, e com elas premiá-lo das suas canseiras, e da sua nobre aspiração, qual era a de que houvesse em Portugal, como há, uma nova alma colectiva. Não é outra a impressão que levam do Portugal de Salazar os ilustres membros da referida Embaixada.

—Sairam há dias nos jornais uns decretos que regulamentam a concessão de abonos á Lavoura, para as próximas sementeiras de trigo e centeio.

Nos considerando desses decretos, diz o sr. Ministro da Agricultura, que o esforço do Governo, teimando em continuar a campanha de trigo, *visa a obter a intensificação das culturas nos terrenos apropriados a cada uma delas, de modo que assegure, pela forma mais rendosa, o abastecimento do País*.

Estamos diante dum imperativo, qual seja o de prover ás necessidades vitais da Nação. Vem tal imperativo, não só de importarmos mais do que exportamos, mas também do crescimento da população, a quem se não pode faltar com o sustento. E com as dificuldades que se opõem ao comércio externo, por causa da guerra, e que são do conhecimento de todos, mais uma razão forte para nos bastarmos a nós mesmos, produzindo o pão que nos falta, como outros géneros essenciaes á vida colectiva. Equivale isto a prevenirmos também o futuro, que não é prudente confiar ao que der e vier, sem o acautelarmos de surpresas, que podiam ser nossa ruina.

Corresponda a Lavoura ao apêlo do Governo, e trabalhe com afinco, para que, unindo-se esforços, de governados, se consiga a nossa independência económica, até onde é possível, e assim nos paguemos dos necessários sacrificios de hoje, vendo-os frutificar no bem da Pátria, no qual de envôlta está o bem dos nossos filhos.

A. DA F.

FALECIMENTOS

Na freguesia de Fragoso, Casa da Ponte, faleceu o nosso amigo Sr. Padre Joaquim Felix Machado, victima de um ataque de uremia.

De nada valerem os cuidados que desde o inicio lhe foram prestados, não só por médicos em Lisboa, aonde foi consultar, como na sua linda vivenda da Ponte, todos os dias velado por uma enfermagem cuidada e rigorosa, prestada durante meses pelo seu sobrinho Dr. Manuel Queiroz que nem um só dia o desamparou.

O seu enterro foi na segunda-feira e constituiu uma grandiosa manifestação de saudade, vendo-se representadas todas as freguesias ao redor de Fragoso, em longo percurso desde a casa até á Igreja, sendo o cadaver conduzido no auto-bomba dos Bombeiros Voluntários de Barcelos.

Neste percurso conduziu a chave do caixão o Sr. Dr. Matos Graça.

Na Igreja realizaram-se officios funebres por 50 eclesiásticos, com todo o rigor de liturgia.

Cantou a missa o Rev.ºm Vice-Reitor do Seminário de Braga, Dr. Adão Salgado.

Foram depois organizados os seguintes turnos:

1.º

Dr. Matos Graça
Engenheiro Bernardo Espregueira
Dr. Alvaro do Vale Souto
Dr. João da Silva Rosas
Dr. Antonio Baptista Neiva
Alfredo Pereira da Costa Lima.

2.º

Bernardo Martins de Abreu
Fernando Gomes de Amorim
Antonio Batista Martins
Domingos Ferreira Vale
Mário Vila Verde
João da Silva Rosas.

Pelo Sr. Dr. Matos Graça foi entregue a Chave do caixão ao Rev.º Sr. Cónego Prior de Barcelos, P.º Joaquim Alexandre Gaiolas.

A morte do Sr. Padre Joaquim Felix Machado foi muito sentida, tão amigo dos pobres ele era, acudindo sempre aos necessitados da sua freguesia.

Novo, com 48 anos apenas, ele podia ser ainda muito util á sua freguesia.

Com a morte do Sr. Engenheiro Bernardo Espregueira e á do Sr. Padre Joaquim Felix Machado perdeu Fragoso dois dos melhores elementos da época.

A toda a Família apresentamos os nossos mais sentidos pesames.

Na freguesia de Airó faleceu o nosso velho e dedicado amigo Sr. Joaquim Nunes Barbosa, importante proprietário.

Ha muitos anos doente, sem cura para o seu torturante mal, ele que muito frequentava Barcelos, isolou-se e resignou-se com o sofrimento.

Era sogro do nosso valioso amigo e assinante Sr. João Gonçalves Salgueiro, casado com a filha unica do Sr. Nunes de Airó, assim bem conhecido em todo o concelho de Barcelos.

O seu funeral realizou-se na terça-feira, de manhã, com largo acompanhamento, tendo officios e missa, findo os quais foi o cadaver conduzido ao cemitério, tendo a companhia de muito povo das freguesias circunvisinhas.

Fechou o caixão o Sr. Antero Faria amigo dedicado da Família agora de luto.

Noticias de Barcelos apresenta os mais sentidos pesames a toda a Família do saudoso Joaquim Nunes Barbosa.

Após uma prolongada doença que os cuidados médicos e de família não conseguiram vencer, faleceu na passada 5.ª feira, na freguesia de Balugães, deste concelho, o nosso presado amigo e velho negociante daquela freguesia, sr. Francisco Arantes, pai extremo dos também nossos amigos Francisco Aran-

ENTRE NÓS...

Aprendi a desdenhar

Tudo que te diz respeito:

*As promessas do teu peito
E o fulgôr do teu olhar
Que deslumbram os olhos meus!
O teu riso insinuante
E a queventura provocante
Do melhor dos beijos teus!*

*A tua voz terna e linda
Que tem melodia infinda
Quando me fala em segredo!
E aquelas tuas canções
Que me lembram tentilhões
Cantando de manhã cedo!*

*A curva doce, elegante,
Do teu regaço de amôr;
O contorno harmonioso
Do teu perfil sedutor
E a graça, que não tem par,
Desse requebro geitoso
Do teu leve caminhar.*

*Desdenho tudo, afinal,
Que, no teu porte vaidoso,
De tão nobre e tão airoso,
Fique bem ou fique mal.*

*E sabes porque desprezo
E sabes porque sorrio
Tão grave e com tanto brio
De tudo que tanto preço?*

*Olha: a razão foi que um dia
Chegaste muito pintada
Ao peitoril da sacada
Onde, á tardinha, te via.*

*E eu então — lembrás-te disso? —
Ao começar o derriço
Que ha três semanas vivia,
Disse estas seis palavrinhas
Sinceras, porque eram minhas,
Repassadas de ironia:*

*Com que bom gosto te pintas!
Que tons suaves de tintas
Do negro á cor do Sol posto!
Por castigo ou desventura
Tu perdêste a formosura
E agora... escondes teu rosto?*

*Resposta tua a saltar:
— Agrada-me ouvir-te assim!
Desdenha, troça de mim,
Que o teu desdem quere comprar!...*

*Pois era assim realmente...
E eu 'inda agora desdenho
Do que desejo e não tenho
Por essa razão somente!*

*Desdenho porque desejo
A queventura do teu beijo
E o sonho do teu olhar,
O encanto do teu perfil
Os teus perfumes de Abril
E o teu colo p'ra... sonhar!*

*Desdenho porque te quero!
Desdenho só porque espero
Fazer deste meu desdem
Um fogo de sedução
Que te distraia, meu bem,
Quando eu quebre a chave forte,
Fadada na boa sorte,
De guardar teu coração!*

Vê lá como os homens são!

MANUEL TERROSO

Largo da Câmara

As obras para o calcetamento a paralelepípedes do Largo Municipal proseguem com grande actividade.

Merece louvores esta iniciativa camarária.

Farmácias de serviço

No próximo domingo e durante a semana estão de serviço permanente a farmácia do sr. Fernando de Oliveira na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra e a farmácia Faria em Barcelinhos.

tes e Cândido Arantes, comerciantes e Manuel Arantes proprietario da Pensão Central aqui em Barcelos. Com o desaparecimento do finado que contada 80 anos de idade, perdeu a freguesia de Balugães mais um parouquiano de velha guarda, figura simpática e de respeito que todos de ha muito se habituaram a considerar, tendo acorrido ao seu funeral elevado numero de amigos e pessoas de respeitabilidade não só de Balugães, como de Barcelos, Freixo, Cossourado, Vitorinho, etc., que o acompanharam sentidamente á sua ultima morada no cemitério privativo do Santuário de Nossa Senhora d'Aparecida, donde foram resados os respectivos officios funebres, com missa de corpo presente e responso por vários sacerdotes, perante numerosa assistência e as inúmeras Irmandades a que o finado pertencia. O cadaver do extinto foi conduzido num pronto socorro dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos, até ao sopé do Santuario e dali para cima, á mão, pegando ás borlas da urna diversas individualidades amigas organizadas em turnos e que comovidamente lamentavam a perda do venerando ancião. A chave da urna foi entregue ao Sr. Dr. Manuel Novais, estimado notario em Ponte do Lima e amigo velho da família em luto e especialmente dos seus filhos Cândido, Francisco e Manuel Arantes, a quem mais uma vez damos o nosso abraço de condolencias.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Na sua propriedade de Silveiros, encontra-se o nosso amigo sr. Miguel Gomes de Miranda, considerado Provedor do Hospital da Misericórdia.

—Em Tamel-S. Veríssimo com sua esposa e filho, encontra-se na sua propriedade o nosso amigo sr. Humberto Carmona Coelho Gonçalves.

—Regressou de Lisboa o nosso amigo sr. Dr. Manuel Henriques Moreira.

—Na praia da Apúlia encontram-se os nossos amigos srs. Manuel Maria Simões Correia, acompanhado de sua esposa e filhos e Manuel Maria Barreto de Magalhães, com sua mãe a sr.ª D. Rosa Calheiros Barreto.

—Em Galegos-Santa Maria, com seus filhos, encontra-se a esposa do nosso amigo sr. Henrique Santana Pereira Vaz.

—Nesta cidade, em gôzo de licença, encontra-se o nosso amigo sr. José Augusto Lucena, digno Sub-Chefe da Repartição de Finanças do 5.º Bairro de Lisboa.

—Na Póvoa do Varzim encontra-se com seus filhos a esposa do nosso amigo sr. António Alvim Braga.

—Da mesma praia regressou com sua esposa, o nosso amigo sr. Manuel de Sá Gonçalves.

—Na sua propriedade da Silva com sua esposa e filhos, encontra-se o nosso amigo sr. João Vieira de Castro.

—Em Esposende, com suas famílias, encontram-se os nossos amigos srs. Artur Roriz Pereira e Manuel Latino Ramos.

—Na praia da Apúlia, encontra-se o nosso amigo sr. Adriano Pinto de Azevedo com sua esposa e filhos.

—Na Póvoa do Varzim, em companhia de sua esposa e filhos, encontra-se o sr. Américo Vaz Osório, genro do nosso amigo sr. António Fernandes Correia.

—Com sua família, encontra-se na sua propriedade de V. F.-S. Pedro, o nosso amigo sr. Manuel José de Carvalho.

Carta anónima...

Um exemplar chefe de família, que de vez em quando me visita para desabafar as suas máguas familiares, pede-me para definir aqui os autores de cartas anónimas, que fazem daquele pequeno quadrilongo de papel a sua habitual máscara ou biombo, por detrás do qual ejaculam a sua baba peçonhenta e o veneno da protérvia.

Isso, meu pobre e infeliz amigo, é um problema assás delicado e complexo, que varia conforme a categoria das pessoas e dos sexos. Se é homem que se serve do punhal da ingratidão para ferir e ultrajar as suas vitimas pelas costas, esse *cavalheiro* de industria só merece o desprezo das pessoas de bem, por não dizer face a face aquilo que por medo e covardia vomita no papel... Se, pelo contrário, o autor da carta que tenho presente é mulher *culta e estulta*, como adivinhou pela grafologia, nessa dama cu damas históricas, nem com uma flor de tójo se lhes pode tocar ao de leve, se bem que mereçam um bom par de açoites bem puxados.

Mas não será preciso tanto rigor contra essa dama e quejandas colaboradoras que, em vez de escreverem numa carta, pintaram o seu auto-retrato. Pelo dedo se conhecem os anões.

Para esta ou estas malfasejas creaturas basta o castigo que lhes dá um poeta espanhol, cujo epigrama em verso eu traduzo assim:

«... e o pobre marido que de dôr entontece,
Seria mui feliz se próle não tivesse...»

E logo mais adiante, estes versos de tragédia a vibrarem de indignação contra uma esposa vingativa e os filhos desnaturados, conclama assim a poeta espanhol:

«Se ao pai ter odio é crime gravíssimo,
Pactuar com *su madre* é pecado vilíssimo!»

E aqui tem o meu amigo a minha modesta opinião em tudo de acôrdo com este poeta moralista.

Eu conheço uma família assás modesta e honesta, cujo chefe é periodicamente *brindado* com os primores de linguagem de que só são capazes os autores de cartas anónimas. Ele, porém, prefere calar-se e perdoar cristãmente as injurias recebidas por uma dama invejosa das mercês que Deus faz a outrem.

A bom em endedor...

X.

Romagem a D. Antonio Barroso

Em comemoração do 22.º aniversário do falecimento do Santo Bispo D. António Barroso um grupo de barcelinenses, admiradores de tão saudoso prelado, realisa uma romagem a Remelhe, no próximo domingo 1 de Setembro.

Às 6,30 horas dêsse dia haverá uma missa na capela de Nossa Senhora da Ponte finda a qual organizar-se-á a romagem.

Em Remelhe celebrar-se-á outra missa seguindo-se um sermão com a assistência do virtuoso e caritativo Rev.º Padre Cruz que expressamente se desloca a esta freguesia para tal fim.

Todos os devotos do grande Bispo missionário podem incorporar-se na romagem do próximo domingo.

BOAS MEDIDAS

No Pessegal, foram colocados alguns bancos.

Para policianar esse local foi escalado um zelador municipal.

Não podemos deixar de aprovar estas acertadas medidas e especialmente a última que fez com que acabasse a má língua que infelizmente se notava nesse aprazível local.

Vibrante manifestação nacionalista

A Festa de confraternização dos Empregados no Comércio

Constituiu uma brilhante jornada corporativa a festa de confraternização do Sindicato Nacional dos Caixeiros, secção de Barcelos, realizada no último domingo.

Mais entusiasta e mais significativa, a festa de domingo, sobrelevou as festas dos anos anteriores.

Este ano, pela primeira vez, patrões e empregados, sentaram-se á mesa.

Foi assim coroada de êxito a velha aspiração dos empregados no comércio de se verem unidos aos seus patrões numa festa de confraternização.

Tal facto, bem significativo, constituiu a verdadeira finalidade da revolução corporativa em marcha. No corrente ano ainda não assistiram todos os patrões mas não duvidamos que para a próxima festa não falte nenhum.

O tempo em que o empregado fazia uma guerra, quasi de morte, ao patrão quando era empregado e se revoltava, com a mesma coragem, contra este quando chegava a patrão, morreu.

Felizmente este estado de coisas, filho da luta de classes, desapareceu com a doutrina corporativa, doutrina da união de classes.

Hoje, a bem da Revolução Nacional, a bem da nação e sobretudo a bem da paz social que felizmente estamos gozando, os patrões têm mostrado compreensão pela hora que passa e assim colaborado com o Governo na consolidação dessa paz.

Na certeza de que ao Governo só lhes interessa o bem e a paz de todos os portugueses, os patrões e os empregados devem colaborar o mais estritamente possível com o Governo da Nação para o triunfo total, e mais rápido, do Estado Corporativo que o mesmo é dizer para a vitória da verdadeira justiça e paz social.

A festa de domingo, a este respeito, foi bem significativa.

O Presidente da secção de Barcelos do S. N. dos Caixeiros, os dois restantes membros da Direcção e todos os caixeiros merecem louvores, e muitos, pelo êxito da festa.

A missa

De manhã, na sede do Sindicato dos Caixeiros concentraram-se todos os Sindicatos Nacionais que se faziam acompanhar das suas direcções e bandeiras e depois, em cortejo, dirigiram-se á Matriz onde, ás 10 horas, realizou-se uma missa por alma dos sócios falecidos.

Foi celebrante o Rev.º cônego Prior de Barcelos, Joaquim Alexandre Gaiolas, e assistiram á missa: o Delegado e Sub-Delegado do I. N. T. e P. respectivamente srs. Dr. Henrique Cabral e Dr. José Sarmiento de Matos, Delegado do Governo, representante do Comandante do Batalhão 12 da L. P., Presidente da U. N., Presidente do Grémio da Lavoura, representante do Grémio do Comércio (em organização), Direcções dos Sindicatos Nacionais e Casas do Povo, Presidente do Sindicato Nacional dos Caixeiros de Braga e grande número de empregados no comércio.

Ao Evangelho o sr. cônego Prior poz em relevo o significado da festa e durante a missa tocou órgão o sr. José Ribeiro da Silva, distinto professor do Colégio Alcaldes de Faria.

O almoço

Ás 13 horas, na Cêrca do Hospital, deu-se início ao almoço de confraternização.

Presidiu o sr. Dr. Henrique Cabral que tinha á direita os srs. Cônego Prior, Joaquim A Gaiolas; Dr. José Gomes de Matos Graça, Presidente da Comissão Concelhia da U. N. e do Grémio da Lavoura e comandante de lança Diogo Tomaz M. Quintela, como representante do Comandante do Batalhão 12 da L. P. e á esquerda os srs. Fran-

cisco Tôres, Presidente da Câmara em exercício e Delegado do Governo, Dr. José Sarmiento de Matos, Sub-Delegado do I. N. T. P. e João de Sousa, representante do Grémio do Comércio (em organização).

Na mesa de honra, sentaram-se também os Presidentes dos Caixeiros de Braga e Barcelos, os patrões, Director de «O Barcelense» e o Editor do nosso jornal.

Assistiram ao almoço que decorreu com a mais franca alegria, cêrca de 100 pessoas.

Os discursos

A' sobremsa, iniciaram-se os discursos.

Em primeiro lugar, usou da palavra o Presidente dos Caixeiros de Barcelos sr. Manuel Augusto da Silva.

No seu vibrante discurso de fé nacionalista pediu ao Delegado do I. N. T. P. o seu interesse para resolver a crise dos trabalhadores, lembrando que com a construção dum Bairro Económico, seria solucionada em parte.

Em nome dos sindicatos locais, pediu o seu auxilio para a criação duma cantina. Afirmou que já estava em estudo mas que o seu auxilio era indispensavel porque sem este tal desejo estaria condenado á morte.

Para o êxito da obra que os sindicatos nacionais se propõem realizar, contam com o Fundo do desemprego, o auxilio das autoridades locais, Junta de Freguesia, comerciantes e industriais e esperam com a execução da obra em projecto que dentro dos lares humildes dos trabalhadores haja mais alegria de viver.

Terminou agradecendo aos patrões «corporativistas» a honra da sua colaboração e poz em destaque o auxilio da imprensa local.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Cônego Prior. Teve palavras de incitamento para os empregados no comércio, agradeceu o convite e entre outras afirmações disse que a Revolução tem de ser feita com o pensamento em Deus para a vitória ser certa e que empregados e operários podiam sempre contar com ele.

Seguidamente usou da palavra o sr. João de Sousa, como representante do Grémio do Comércio.

Recordou os seus tempos de caixeiro e o ambiente de guerra em que então teve de lutar pelas justas reivindicações que só agora principia a vêr realizadas. Destacou a obra do Delegado do I. N. T. P. e do seu Sub-Delegado e disse que os trabalhadores muito lhes devem e que das suas inteligências e dos seus caracteres só se podia esperar uma obra fecunda e real.

Terminou o seu discurso com conselhos de elevado conceito moral á classe dos empregados no comércio, conselhos dados com o carinho e autoridade de pai para filhos. Falou com sinceridade e desassombro.

Seguidamente usou da palavra o nosso Chefe da Redacção sr. João P. da Silva Correia. Principiou por dizer que seria breve porque não contava falar e se mudou de ideia á última hora foi com receio que os simpáticos empregados no comércio não tomassem a bem o seu silêncio. Registou com regosijo a comparência dos patrões nessa festa. Aconselhou os empregados a estudarem a grandeza da obra do Estado Novo e a fugirem das discussões de baixas politiquices. Teve palavras de fé no triunfo total do corporativismo. Terminou por lembrar aos empregados do comércio que era seu dever estarem sempre preparados porque na Revolução Nacional há só um caminho — *para a frente*, e que a Revolução continuava. Seguidamente usou da

palavra o nosso director sr. Dr. José Gomes de Matos Graça, Presidente da União Nacional e do Grémio da Lavoura. O seu discurso ou melhor a sua palestra familiar, como afirmou, foi um hino de louvor ás belezas da Barcelos, a sua terra, a quem tem dado todo o seu esforço, e está pronto a trabalhar como até aqui. Aos Sindicatos disse que terão sempre no seu coração o lugar que merecem. Focou a sua admiração pelos ilustres Delegados do I. N. T. P. dizendo-lhes que estava sempre pronto a prestar-lhes toda a sua colaboração. Ouvido sempre com agrado e aplausos gerais o sr. Dr. Matos Graça falou nas ingratidões que tem sofrido e disse que o muito que tem trabalhado pela terra dá-lhe direito a sentir-se agora socegado porque tem a certeza que amanhã, quando morrer, ser lhe-á reconhecido o dever cumprido.

Usou depois da palavra o Delegado do Governo que elogiou com palavras sinceras o comportamento da honra da classe dos empregados no comércio e ofereceu ao Delegado do I. N. T. P. toda a sua colaboração sincera.

Levantou-se depois para falar o sr. António dos Santos Cunha, Presidente do Sindicato dos Caixeiros de Braga.

Com a fé nacionalista e vibração de sempre lembrou o ataque em massa da reviralhada á organização corporativa de há dois anos a que deram inconscientemente, a sua colaboração, muitos nacionalistas. E a propósito afirmou que essas vozes ainda não voltaram a falar para louvar a organização corporativa que tem dado as suas provas no momento crítico que atravessamos. Falou depois o sr. comandante de lança Mesquita Quintela, representante da Legião Portuguesa que agradeceu o convite, citou e regosijou-se com o facto de estarem ali representadas varias organizações do Estado Novo para um melhor triunfo da causa nacionalista e associou-se á festa de confraternização dos caixeiros.

Falou por último o sr. Delegado do I. N. T. P. Dr. Henrique Cabral.

Confessa que ficou satisfeito pelo que viu e ouviu. Elogia os discursos do presidente dos Caixeiros pelo seu saber e interpretação exacta do cargo que exerce, do sr. João de Souza, pela sinceridade, e pela sua lição de justiça social e o sr. dr. Matos Graça, ainda que, formado em ambiente de mentalidade diferente tem mostrado saber enquadrar-se nas novas correntes económico sociais de forma a ter sido escolhido para dirigir um dos mais preponderantes organismos corporativos do Distrito — o Grémio da Lavoura de Barcelos.

Afirmou também que, constituindo a festa que decorria uma comemoração, decerto os seus organizadores pretendiam afirmar a tranquilidade da sua consciência pelo dever cumprido n obra feita. Para o ano a comemoração do costume deve realizar-se, mas com novas iniciativas e realizações que a valorizem e marquem bem a *permanência da revolução corporativa no concelho de Barcelos*. Nessas condições diz sentir o seu prazer em tomar parte nessa festa e a ela vir esteja onde estiver. Terminou por felicitar os organizadores e por desejar as maiores prosperidades aos organismos corporativos de Barcelos, certo de que o seu prestígio e o seu dinamismo constituem a melhor parcela da reconstrução política social da Nação.

Todos os oradores foram varias vezes interrompidos com os aplausos dos presentes e quando terminaram os seus discursos receberam vibrantes salvas de palmas.

O banquete decorreu sempre num

Peregrinação á Franqueira

No domingo, foi conduzida processionalmente da igreja de Alvelos para a de Barcelinhos a imagem de Nossa Senhora da Franqueira.

Acompanharam-na centenas de fieis sobretudo de Alvelos, Barcelinhos e desta cidade e á sua chegada á igreja paroquial de Barcelinhos subiram aos ares numerosos foguetes.

Na noite do próximo domingo será a imagem de N.ª S.ª da Franqueira conduzida da igreja de Barcelinhos para a Matriz desta cidade onde permanecerá até ao próximo dia 8 de Setembro, dia da peregrinação.

Para este efeito organizar-se á uma majestosa procissão de velas que sairá ás 21 horas em ponto da igreja de Barcelinhos e cujo itinerário, depois da Ponte, é o seguinte:

Rua Infante D. Henrique, Rua D. António Barroso, Largo da Porta Nova (junto ás casas), Avenida Dr. Oliveira Salazar (junto ás casas), Jardim, Rua dos Ferreiros, Rua das Capelas, Campo de S. José, Rua de S. José, Barjona de Freitas, Rua Duques de Barcelos e Largo da Igreja.

Como o ano passado, é de esperar que esta procissão resulte uma manifestação de fé impressionante.

—A Comissão de N.ª S.ª da Franqueira pede-nos para avisar as pessoas que desejem adquirir velas o favor de as comprarem em Barcelinhos onde serão vendidas com a imagem da Senhora.

Meio a sério

Por ter chegado tarde á nossa redacção o original desta secção da autoria do nosso colaborador sr. Augusto Soucasoux, não será publicada no presente número.

A' Comissão de Turismo

Os adeptos da patinagem, e actualmente muitos são, pedem-nos para pedirmos á Comissão Municipal de Turismo a colocação no *rink* da patinagem do Pessegal dum trampolim de madeira.

—Estamos convencidos que este desejo dos patinadores locais será satisfeito prontamente tanto mais que a despesa que ocasiona é pequena.

Deseja bom calçado?

Visite V. Ex.ª a **Casa Cunha**, junto á Pensão Arantes e lá encontrará sapato fino para homem, senhora e criança.

Nesta casa executa-se calçado com perfeição e solidez, assim como botas para Legiãoário e Mocidade Portuguesa.

Consertos perfeitos e a prêços sem competência.

ambiente do mais puro e sã nacionalismo.

Durante o mesmo foram erguidos entusiásticos vivas ao Estado Novo, Estado Corporativo, Carmona, Salazar, Dr. Henrique Cabral etc. etc. e fez-se ouvir, com geral agrado, a cabine sonora E. S., desta cidade.

No fim do banquete, realizou-se na cêrca a anunciada gincana de gericos que decorreu com franca hilariedade.

—«Noticias de Barcelos» regista com o maior agrado nas suas colunas o êxito da festa nacionalista de domingo e faz votos para que os desejos manifestados pelo Presidente dos Caixeiros de Barcelos no seu discurso se convertam em realidade o mais breve possível.

